Que era isto, eu? De mim adoecida no sempre, o invisível. Imexível ali onde deitei resistível ao mundo, ao corpo, o espírito. Mão de espírito nada move aqui; em passível. Olhando para no teto tão distante a lampada vermelha apagada, por através. Da mão, imão, só o vibracional como ruídos, o formicante o que via como sujeiras e nisso fixada; só nisso podia fixar: o nada. Era isto desde que o cão ladrava. Eletrônico no lado esquerdo da cabeça para o despertar-la – que despertou-a: eu pela metade. Carne, sonhava. Braço virava após virava para o lado que tenteava mas que continuava virando cego, telefones pensava que os pegava e na mão sempre de novo olhava o havido: nada. Desesperava, que mais podia? Se despia ao corpo de bolsas, colares, todas roupas o denso para desbloquear. Mas! O denso invisto é que o era. O corpo, o nada usava. E o nada não conseguia ao corpo usar. Cão, ladrando que não tinha fim, e a ele só a Morte despertava. E fixava nela, no verde do cômodo pelo braço direito que atravessava. Já encolhida era para a vida quando a mãe entrou – e nem a vi mas era certa. Por que é que eu só virava para a direita? Ela inquiriu se alguma coisa eu queria, talvez Água, e não-falei por favor apenas me desliga esse ladrar. Que eu, eu mesma, preciso de acordar. Sei nem se o fez, nem fez, naquele nem tempo. Não o podia que só eu. Mas, nalgo deve ter ajudado. Numa aceitação, quando num respiro como mal apercebido desloque, eu me abri os outros olhos. E a mão pôde pegar aquele toque, o cão. Sem fim, para o eterno: o fim. Silêncio, dos latidos. E no verde a mão por fim sobrepondo.

Como no sempre, mas aqui se alterna, era mesmo no corpo que a fé eu tinha perdido. Só se mexer, a força da vontade, não era? Às vezes desaparece. Mas, nas coisas, no em torno mexendo, me foi da vida o grande alívio o frio daquele livro, página branca de escrever, o meu. Que faria com isto, aquilo? Senão tê-lo para o mesmo instante bem-mal escrito.

Era só isto.